

## O índio e a sociedade não-índia

AGUIAR, Maria Sueli de  
TRINDADE, Israel Elias

Palavras-chave: índio, não-índio, sociedade, conscientização.

O projeto “O índio e a sociedade não-índia” é cadastrado na PROEC sob o código FL-51. Ele visa levar aos alunos de escolas públicas do interior de Goiás uma visão geral sobre o índio. No projeto, realizam eventos em que expomos arte indígena e materiais didáticos produzidos pelos índios, passamos vídeos e filmes. Palestras sobre o que venha a ser um índio e uma comunidade indígena também são realizadas.

Em termos de justificativas, podemos enumerar pelo menos três:

1 O índio ainda hoje é visto pelos não-índios de forma equivocada por obterem informações através de livros que trazem a visão de quem o dizimou em nome do progresso;

2 é papel da Universidade divulgar para a sociedade pelo menos parte dos conhecimentos adquiridos em pesquisas e estudos, visando a alterar comportamentos sociais e rever opiniões a fim de se obter melhor convivência com o diferente;

3 promove a ida de universitários a terem contato com a realidade social do interior de Goiás. Além disso, leva os alunos que pesquisam línguas indígenas a melhor se preparar e atuar em educação indígena, reconhecendo a importância dos estudos linguísticos e antropológicos feitos.

O projeto “O índio e a sociedade não-índia” vem sendo executado desde 1997. O primeiro evento foi na Escola Estadual Jardim Paulista, na vila Jardim Paulista, município de Nova Glória. O último evento foi no primeiro semestre de 2011 na cidade de Estrela do Norte e no povoado de Morro de Campo. O presente projeto se realiza também enquanto Prática como Componente Curricular na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Na Prática como Componente Curricular “O índio e a sociedade não-índia”, os alunos de graduação estudam o tema índio e vamos às escolas públicas de Goiânia e Hidrolândia. No total, já realizamos evento em mais de 20 escolas públicas.

O material produzido pelos alunos não-índios está sendo organizado para depois enviá-lo aos alunos índios como material de leitura e para as escolas não-índias que colaboraram com o projeto.

A prefeitura do município assessora a coordenadora e sua equipe para a divulgação do evento sobre os índios à comunidade escolar e aos seus parentes ou não.

Após o contato formal com as escolas, isto é, após ter tratado com a direção da escola e passado em cada sala de aula convidando todos da escola para o evento, na data combinada, ele se realizar da seguinte forma:

A equipe se desloca para a cidade do evento em uma sexta-feira à tarde e vistoria o local ainda na noite da chegada e deixa o material para no dia seguinte às 6h montar os painéis, fotos e bancas para a visita.

Cedo: das 8h às 12h - Participação de todos os alunos, professores, direção e funcionários da(s) escola(s) na visita aos painéis, mostra de vídeos, apresentação de palestras (com indígena e não-indígena). Após um lanche e apresentação da filmagem dos alunos no evento em um telão, eles produzirão materiais escritos e/ou desenhado expressando quem eles pensam e entenderam que são os índios.

Tarde: das 14h às 18h – Os alunos passam a realizar brincadeiras semelhantes aos indígenas em um pátio da escola. Essas brincadeiras são orientadas por índios e não-índios membros do projeto. Nesse momento se dá também a visita dos pais ao local do evento onde verão vídeos e observarão os painéis;

Noite: das 20h às 22:30 – exibição em um telão um filme sobre o índio em local público mais próximo à escola para toda a comunidade, podendo ainda fazer visita às exposições na escola.

Comumente contamos com a colaboração de indígenas que fazem palestras, brincam com as crianças e, a pedido dos alunos, esses indígenas, normalmente levam trabalhos manuais para serem vendidos no final das atividades da manhã e da tarde, se estendendo pela noite a exposição dos seus objetos.

Descrição da Clientela ou Público Alvo: alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio, pais e parentes de alunos, funcionários e direção da(s) escola(s) e autoridades municipais enquanto cidadãos do município.

Descrição da Equipe de Apoio de Goiânia para o evento: alunos da graduação de letras ou de outros cursos da UFG, alunos mestrando e doutorando, professores da UFG e de outros órgãos de ensino, pessoas da comunidade de Goiânia que previamente contata a coordenadora. O que permite alguém fazer parte da Equipe de Apoio de Goiânia é ser interessado no tema “índio” e fazer contato com os responsáveis pelo projeto e evento. Ao demonstrar interesse, essa pessoa terá que se comprometer em se preparar estudando o tema e participar das reuniões que são feitas antes das viagens para o local do evento.

Público envolvido com o processo em cada evento:

Autoridades da cidade (prefeitura e secretariado): 10;

Comunidade interna (UFG): 20;

Comunidade externa (escola e comunidade): de 300 a 500 pessoas (aproximadamente, dependendo da cidade);

Locais de realização do projeto: escolas públicas de cidades do interior de Goiás;

Data e Local dos Próximos Eventos: segundo a aceitação da escola e/ou disponibilidade dos coordenadores para a execução do evento;

Duração Prevista de cada Evento: início das atividades no sábado às 8h e encerramento às 22:30.

Para iniciar as negociações com os responsáveis pela realização do evento o(s) coordenador(es) desloca-se até a cidade e expõe o projeto para a secretária de Educação que repassa ao prefeito. Após o de acordo, visita-se cada escola para expor à direção da escola o projeto e solicitar que seja feita uma lista de pessoas da escola que se interesse em fazer parte da equipe de execução do projeto no evento. Em seguida, acerta-se uma data para o evento e outra data para voltar às escolas e convidar os alunos indo de sala em sala. Todas as idas à cidade e às escolas são documentadas com filmagem. No dia que oficializa o convite aos alunos fazem-se várias tomadas de modo a todos os alunos presentes sejam filmados.

O evento é todo documentado através de filmagem, caderno de registro de presença com assinatura. Os alunos são coordenados pelos seus professores de sua turma durante o tempo de permanência no local de exposição e enquanto assistem aos vídeos, às palestras e quando produzem os textos. No momento programado, os alunos visitam os estandes quando eles poderão perguntar aos

membros da Equipe de Apoio de Goiânia que estão em grupo de três pessoas em cada estande. Os estandes são montados com fotos indígenas, os mapas, livros, materiais didáticos, jornais e peças indígenas. No momento da visitação e da produção dos textos colocam-se músicas indígenas. Essas músicas que cumprem um papel muito importante no evento.

Na parte da tarde recebem-se os pais, parentes, amigos e demais membros da comunidade. Para eles, além dos estandes para visitar, eles assistem vídeos e ouvem músicas e podem tirar dúvidas sobre o que despertar curiosidade nos estandes da exposição.

A noite exhibe um filme na praça em um telão para toda a comunidade quando todas as equipes participam e realizam um grande “bate papo” que resulta em uma avaliação do evento de forma descontraída. Nesse momento acontecem as buscas de maiores informações sobre os estudos sobre os índios e o despertar para os estudos e pesquisas em geral. Esse momento cria-se normalmente um laço de confiança, admiração e uma verdadeira interação dos acadêmicos com a sociedade.

Os filmes mais comuns que exibem no início da noite nos eventos são “A missão” e “1492: busca do paraíso”. Aproveita esse momento para exibir a filmagem dos alunos em sala de aula e a participação deles no evento. Esse é um dos momentos mágicos do evento para todos participante.

Em termos de resultados, os textos produzidos pelos alunos são recolhidos para escaneá-los, digitá-los com revisão ortográfica e reuni-los em um material de leitura para os índios e para os não-índios. A reunião dos textos para a produção do livro está prevista para o segundo semestre de 2011. A sua finalização prevista para o primeiro semestre de 2012. Conterá a inclusão dos textos de todos os eventos já realizados. Outro produto que visa com o projeto é a edição de vídeo dos eventos que deverão ser encaminhados às escolas participantes bem como para as escolas indígenas que colaborou e colabora com o Projeto “O índio e a sociedade não-índia”.

Os participantes das Equipes, de apoio de Goiânia e da localidade, recebem certificados de participação e são convidados a participar de mini cursos, além de serem informados de outros meios para ampliar o seu conhecimento sobre questões envolvendo o tema “grupos indígenas”.

A natureza do projeto “O índio e a sociedade não-índia” tem dado oportunidade para todos que participam e organizam a repensar os conceitos

anteriormente assumidos pela sociedade não-índia. Importa frisar que não há índio no Brasil e nas Américas, mas afirmar categoricamente que há várias nações indígenas muitas vezes distintas umas das outras, com língua e tradições completamente diferentes uns dos outros. E ainda, faz-se necessário escapar do estereótipo indígena. O índio deve ser reconhecido como tal tanto aquele que caça, pesca e vivem longe dos não-índios quanto aquele que vive no meio deles que estuda, usa celular e computador. A melhor ilustração desse equívoco é comparar um brasileiro que muda para o Japão e adapta aos costumes dos japoneses ele deixa de ser brasileiro? Ou se um alemão vem para o Brasil e adota nossa língua ele é um brasileiro? Claro que não! Então, se uma pessoa é índia, ela sempre o será.

Outro ponto fundamental de se observar é quanto aos nomes com os quais o reconhecemos. Importa aos pesquisadores e estudiosos consultá-los quanto ao nome que seus ancestrais assumem ter e qual é o nome que eles querem ser chamados. Pois, é verdade que a maioria dos nomes dos grupos indígenas que conhecemos são apelidos dados por inimigos deles e, muitas das vezes, nós seguimos estudando-os sem se quer saber o nome que eles admitem ser chamados.

Por esses e por vários outros motivos dessa natureza é que devemos investir em projetos que nos ajuda a rever valores preestabelecidos por tempos idos que não era possível ver de outra forma.

As bibliografias que sugerimos para iniciantes interessados em assuntos indígenas são AGUIAR, Maria S. *Fontes de pesquisa e estudo da família Pano*. Campinas: UNICAMP, 1994; RODRIGUES, Aryon. No Brasil, 85% das línguas indígenas já estão extintas. *Ciência Hoje*. Belo Horizonte. V.14, n.83. ago. 1992. Entrevista concedida Marise Muniz. TERRA, a terra e o índio, terras indígenas. *Mensageiro*, Belém, Ed. N. 133, p.27-28, abr./maio/jun. 2002.

As despesas com a realização dos eventos são diluídas entre UFG (cartazes, ônibus e motoristas); prefeituras (combustível e alimentação da Equipe de Apoio de Goiânia) e o alojamento da citada Equipe, os moradores se voluntariamente disponibilizam a ceder quarto com cama. A Equipe leva roupa de cama e objetos de uso pessoal. No que se refere ao econômico para a edição dos vídeos e publicação do livro ainda estão em aberto.

aguiarmarias@gmail.com

[israeltridade@gmail.com](mailto:israeltridade@gmail.com)